

PAGÃOS, BÁRBAROS OU INFIÉIS? NAS CRUZADAS, TODOS ESSES - UM ESTUDO SOBRE A CRIAÇÃO DAS IDENTIDADES ÁRABES NA TERCEIRA CRUZADA (1189 - 1192)

Viviane Vedana¹

Renato Viana Boy²

RESUMO

O resumo deste trabalho foi feito a partir de pesquisa desenvolvida de forma voluntária pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), vinculado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), entre os meses de agosto de 2018 e julho de 2019. Nossa pesquisa buscou pensar as cruzadas, sendo elas um processo muito importante dentro do contexto de guerras cristãs da Idade Média. Situadas entre o século XI e final do século XIII, elas foram pensadas de forma a retomar Jerusalém para os cristãos e manter a cidade santa. Com o discurso do papa Urbano II em Clermont, em 1095, elas foram iniciadas, tendo sido essa a primeira de um processo onde outras oito cruzadas ocorreram. Dentro disso, nosso enfoque propõe pensar a Terceira Cruzada a partir de algumas questões essenciais, a saber, a criação pelos cristãos de identidades árabes, a relação do rei Ricardo I, principal monarca responsável pela participação ocidental, com outras figuras presentes nessa cruzada do mundo franco e também oriental. Como recorte para esta apresentação, pretendemos explorar a parte da pesquisa onde tratamos sobre a questão identitária muçulmana, no intuito de pensar de que forma os conceitos de pagão, bárbaro e infiel foram usados de maneira sincrética para convocar cruzados num processo de luta contra aqueles considerados inimigos do cristianismo que deveriam ser eliminados, seguindo a ideia de uma guerra santa. Partindo disso, trazemos uma fonte que discorre sobre o contexto da Primeira Cruzada, sendo ela um relato da convocação de Urbano II feito por Roberto, o Monge, escrito em 1115. Seguindo para a questão da Terceira Cruzada (1189 - 1192), nosso foco, trazemos mais duas fontes. No ano de 1187, Jerusalém foi tomada na batalha de Hattin por Saladino (1138 - 1193). Desse contexto, trazemos o documento *De expugatione Terrae Sanctae per Saladinum*, sendo um relato de um cavaleiro sobre o momento de tomada da Cidade Santa. Além da bula papal *Audita tremendi*, também desse ano, como uma convocação para uma nova cruzada, promulgada pelo papa Gregório VIII. A partir do seguinte contexto, os questionamentos que aqui levantamos são: como as identidades árabes contribuíram para a noção de guerra santa do processo cruzadístico? De que forma a criação de tais identidades

¹ Graduanda em História na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *campus* Chapecó, contato por vivianevedanadelima@gmail.com. Pesquisa desenvolvida de forma voluntária no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), vinculado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

² Doutor em História e professor na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *campus* Chapecó, contato por renato.boy@uffs.edu.br.

levaram cristãos a lutarem nas cruzadas? Quais eram as diferenças entre os termos usados para se referir ao mundo árabe? Tais questões estão englobadas dentro do objetivo principal da pesquisa, que é entender de que forma as identidades árabes foram construídas pelos cristãos para legitimar o discurso de guerras santas das Cruzadas. Analisamos tais proposições pela perspectiva da história política e militar, ao passo que as pensamos dentro de um contexto onde um discurso étnico foi criado para atender a um exercício da santidade cristã marcado por relações de poder.

Palavras - chave: Identidades. Árabes. Cristãos. Cruzadas. Guerra santa.

Categoria: UFFS - Pesquisa

Área do Conhecimento: Ciências Humanas

Formato: Comunicação oral